



Arte Paleocristã: espelho da visão de mundo dos primeiros cristãos Palaeochristian Art: Mirror of the worldview of the early Christians

Rosa Maria Blanca CEDILHO¹
Ana Paula Bernardo de SOUSA²

Resumo: A pesquisa visa apresentar os principais elementos iconográficos da Arte Paleocristã. Esta representação artística tinha o objetivo de transmitir a mensagem do evangelho, e educar os primeiros cristãos entre os séculos II e IV. No entanto, de acordo com a investigação iniciada na disciplina de História da Arte I na Universidade Feevale, percebe-se que os temas cristãos se mesclaram com a arte pagã pré-existente, ou seja, ocorreu um sincretismo entre ambos.

Abstract: This research aims to present what are the main aspects of Paleochristian art. This artistic representation was intended to convey the gospel message and educate the followers of this new , who lived between the ages II and IV. However, according to research, it is clear that the Christian themes are mixed with pre-existing pagan art, or with classical art.

Palavras-chave: Cristianismo – Arte Paleocristã – Arte Pagã – Roma Imperial – Iconologia.

Keywords: Christianity – Paleochristian Art – Pagan Art – Imperial Rome – Iconology.

ENVIADO: 20.09.2013
ACEITO: 014.10.2013

¹ Doutorado em Ciências Humanas (CAPES) / Universidade Federal de Santa Catarina (2011) e *doutorado-sanduíche* na Universidad Complutense de Madrid (CAPES/DGU). Leciona no Curso de *Artes Visuais* - Graduação e Pós-Graduação / Universidade Feevale, Brasil. E-mail: rosablanca@feevale.br.

² Graduada em História pela Universidade Feevale (2012). E-mail: anapaulabs@feevale.br.

Ao pensarmos na imagem de Jesus Cristo, logo nos vem à cabeça a imagem de um homem com semblante tranquilo, de barba e cabelos compridos. Mas será que esta sempre foi a sua representação nas imagens cristãs de outras épocas?³ Como teria sido a imagem do primeiro Cristo pintado? Do primeiro menino? Ou da primeira Virgem? A arte produzida pelos primeiros adeptos ao cristianismo é denominada, pela História da Arte, como *Arte Paleocristã*.

A *Arte Paleocristã*, ou cristã antiga, foi um estilo artístico inspirado em uma religião, o cristianismo. Religião monoteísta que surgiu no século I, quando o Império Romano estava em seu auge. A análise das representações desta, a partir de um embasamento teórico, pode nos oportunizar a conhecer melhor o contexto em que elas foram produzidas, neste sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar os principais elementos iconográficos da Arte Paleocristã, e entender por que os temas cristãos muitas vezes estão mesclados com a arte pagã pré-existente, ou seja, com a Arte Greco-romana. Para tanto, é necessário contextualizar o período histórico-cultural, e realizar uma leitura iconológica das pinturas.

Em seguida, será possível analisar as permanências da arte pagã nas pinturas produzidas pelos primeiros cristãos do Império Romano. Este trabalho se justifica pelo fato de haver poucas bibliografias sobre a temática em língua portuguesa, e por não existirem pesquisas interdisciplinares, que considerem o contexto político e cultural implicado na estética paleocristã. Neste sentido, a metodologia utilizada foi revisão bibliográfica, fundamentos da iconologia e o aporte teórico-metodológico, com base especialmente em Arnold Hauser⁴, H. W. Jason⁵, Jean Lassus⁶, e Armindo Trevisan⁷, assim como Pedro Paulo Funari⁸ e Perry Anderson.⁹

Para podermos nos aprofundar em um estudo sobre a arte produzida pelos primeiros cristãos, é necessário realizarmos uma leitura iconológica, ou seja,

³ É importante destacar que as Sagradas Escrituras nunca fazem alusão ou descrição física sobre Jesus Cristo.

⁴ HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

⁵ JASON, H. W. *História geral da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁶ LASSUS, Jean. *Enciclopédia das artes plásticas de todos os tempos*. Paris: Sorbonne, 1974.

⁷ TREVISAN, Armindo. *Como apreciar a arte: do saber ao sabor: uma síntese possível*. Porto Alegre: UniProm, 1999.

⁸ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2007.

⁹ ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1992.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

definir a concepção de mundo que se reflete nesta expressão artística, pois “a análise iconológica supõe certa familiaridade com documentos que testemunhem as tendências políticas, poéticas, religiosas, filosóficas e sociais da personalidade, período, ou país sob investigação”.¹⁰

A relação entre arte e a concepção de mundo é complexa, pois o artista é influenciado por diversos fatores, tanto intrínseco quanto extrínseco, ou seja, há “pelo lado do artista, motivações econômicas, móveis relacionados com sua ambição, motivações ligadas às considerações sociais; exteriores a ele: influências que procedem da ciência, da filosofia e da literatura”¹¹.

Neste sentido, toda obra de arte constitui uma resposta pessoal às questões fundamentais da vida humana, e por isto, devemos dar importância à análise do contexto histórico-cultural de um período, que no caso desta investigação, se passa nos anos em que o cristianismo ainda estava sob o jugo da clandestinidade na Roma Imperial.

I. Os primeiros cristãos no Império Romano: uma contextualização histórica

Por volta dos séculos I e II, o cristianismo se expande para além da comunidade de Jerusalém, através do Apóstolo Paulo, pois “o cristianismo não teve êxito duradouro na Palestina, mas se expandiu muito rápido em todas as regiões que margeavam o Mediterrâneo, no mundo Romano”.¹² Enquanto o mundo greco-romano se expandia através das guerras e povoamento, o poderio militar se fortalecia. Saques eram feitos aos povos subjugados, tributos eram recebidos, prisioneiros eram trazidos para trabalharem como escravos.

Assim, ocorria uma troca bem proveitosa: os prisioneiros trabalhavam na agricultura, como escravos, e os trabalhadores livres constituíam o exército. Esta lógica militar e expansionista explica em grande parte, o porquê do grande crescimento do mundo Romano, que se expandiu em seu auge até a Ásia e norte da África. Entretanto, no século III, Roma viveu uma crise

¹⁰ TREVISAN, Armindo. *Como apreciar a arte: do saber ao sabor* : uma síntese possível. Porto Alegre: UniProm, 1999. Pág. 159.

¹¹ TREVISAN, Armindo. *Como apreciar a arte: do saber ao sabor* : uma síntese possível. Porto Alegre: UniProm, 1999. Pág. 155.

¹² FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2007. Pág. 129.

interna, que conseqüentemente, causou o fim da Era de Conquistas. O abastecimento de escravos ficou comprometido, e este fator foi preponderante para causar a desorganização da economia. Diante destes graves problemas, uma “nova religião dava a esperança de uma vida melhor”¹³ ao povo, era o cristianismo. Nos primeiros anos, o principal público alvo da nova fé, foram as minorias¹⁴, ou seja, os escravos, as mulheres e os povos submetidos ao Império Romano. A partir de então, eles aprenderam que diante de Deus todos são iguais, ou seja, não precisariam mais prostrar-se e adorar a um homem que se designava divino, o César.¹⁵

Outro fator que tornara Roma poderosa, foi a sua flexibilidade em aceitar a religião e a cultura dos povos subjugados, tanto é, que os deuses romanos eram os mesmos correspondentes aos deuses da mitologia grega.¹⁶ Contudo, por sentir-se ameaçado numa atmosfera de iminentes calamidades, de problemas econômicos, e de uma religião ascendente que negava a divindade do César, o Império iniciou um período de perseguições às novas religiões, inclusive ao cristianismo. Os primeiros cristãos foram, muitas vezes, tomados como bruxos e feiticeiros, por realizar cultos secretos e por não reconhecerem a divindade do imperador. Ao negarem o culto a César, ou seja, ao Estado, foram “considerados uma ameaça à segurança do estado Romano”.¹⁷

¹³ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2007. Pág. 130.

¹⁴ Se está falando de minorias em termos de representação social e não quantitativamente.

¹⁵ Essa quimera nunca se concretizou, pois o culto ao imperador se impôs apenas como um elemento unificador de um estado amplo. O culto oficial não passou de uma mera aceitação convencional dos cidadãos. “A religiosidade do povo abarca distintas tendências desde o sincretismo, que inundava a vida diária de orações, oferendas e consulta a oráculos (...) até os misteriosos cultos trazidos do Oriente, que se difundiu extraordinariamente entre as classes mais modestas.” CÁMARA, Jorge Juan Lozano. *Arte Paleocristiano y Bizantino*. Andalucía: Departamento De Historia, Geografía E Historia Del Arte, 2006. Pág 1.

¹⁶ “(...) o Império era tolerante e exigia reciprocidade. Por isso os povos, sob o seu domínio, eram obrigados por lei a respeitar os deuses romanos, a oferecer-lhes esporadicamente sacrifícios, mas não estavam obrigados a submeter-se à Religião romana. O que o Império exigia, e reclamava de fato, era o pagamento de impostos. Essa sim, era a grande razão pela qual o Estado requeria das instituições e dos cidadãos uma identidade jurídica, porque era através dela que ele poderia controlá-los e, inclusive, responsabilizá-los oficialmente”, SPINELLI, Miguel. *Helenização e recriação de sentidos. A filosofia da época da expansão do cristianismo- séculos II, III, IV*. Porto Alegre: EDIPUC, 2002. Pág. 24.

¹⁷ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2007. Pág.130.

Muitos cristãos perseguidos eram levados ao Coliseu¹⁸, e a outros anfiteatros, como escravos, para lutar e serem mortos pelos felinos que ali eram soltos. É apenas no século IV, que a situação dos primeiros cristãos se modifica. Diante do crescente número de conversões à nova religião dentro do Império, inclusive pelas classes mais abastadas, se põe fim às perseguições. Este foi o período em que a Arte Paleocristã se desenvolveu: do surgimento e expansão do cristianismo, nos séculos I e II, quando ainda estava sob o jugo da clandestinidade, até alguns séculos após a conquista da liberdade de culto e oficialização da religião por parte de Roma, no século IV.

II. Arte Paleocristã: os símbolos encontrados nas catacumbas

Assim como os judeus, os primeiros cristãos evitavam criar representações de Cristo e dos apóstolos, pois não queriam desobedecer a um dos mandamentos bíblicos: “Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo da terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te curvarás a elas nem as servirás(...)”.¹⁹ Neste sentido, os primeiros crentes em Jesus Cristo, preferiram utilizar-se de símbolos, para representar sua fé e as histórias da Bíblia. No entanto, veremos adiante, que apesar da hostilidade dirigida aos cristãos em decorrência da idolatria, devemos reconhecer a presença de imagens na religião cristã. Neste período, a Arte Paleocristã era clandestina, por isso, por muitas vezes, o seu significado original foi escondido ou mesclado à símbolos pagãos. Por exemplo, em diversos afrescos, é possível encontrar a representação do Messias, como uma âncora, um crismão ou um peixe.

Estes símbolos representavam códigos de uma linguagem que não eram considerados como arte, mas uma forma de instruir os novos cristãos. A iconografia Paleocristã, usou a linguagem pagã da antiguidade, primeiro através de símbolos, e em seguida através de elementos alegóricos. Estas representações são encontradas nas catacumbas Paleocristãs, a partir do século II, pois poucas manifestações artísticas do século I sobreviveram ao tempo. O fato é que nos primeiros séculos, os cristãos se recusavam a construir qualquer

¹⁸ O Coliseu foi construído entre 70 e 90 d.C pelo imperador Vespasiano, conhecido também como Anfiteatro Flaviano, era um local designado para os espetáculos da Roma imperial. Ali se apresentavam lutas entre gladiadores, caça a animais originários da África e encenação de batalhas navais.

¹⁹ *Livro de Exôdo*. Capítulo 20, versículo 4 e 5. ALMEIDA, João Ferreira (trad). *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Viva, 1997.

icm

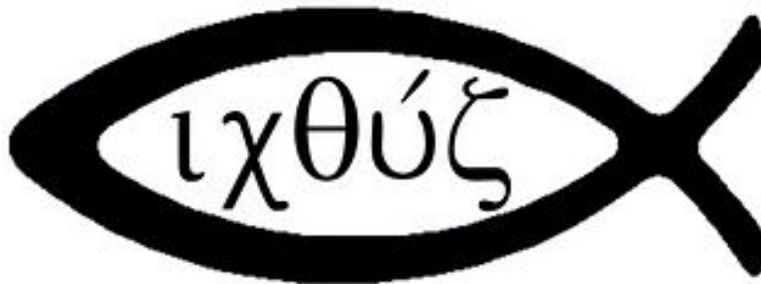
SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

edificação, que assemelhasse aos templos pagãos. As reuniões eram realizadas às escondidas, nas casas de famílias mais abastadas e em catacumbas.

Imagem 1

PEIXE = ΙΧΘΥΣ (Grego, lê-se -- ICHTHUS)†



Acrônimo utilizado pelos primeiros adeptos ao cristianismo, no início da Era Cristã. Peixe em grego é Ιχθυς. As letras indicam as palavras *IesusChristosTheouUiosSoter*, ou seja, Jesus o Messias, o Filho de Deus, Salvador. Fonte: Zapata, 2006.

A explicação para a escolha deste local, é que as catacumbas estavam abandonadas em Roma, os cidadãos romanos utilizaram estes espaços para depositar seus mortos, mas com o vertiginoso crescimento da cidade, e o aumento da população, eles começaram a cremar. Os cristãos, movidos pela importância dada ao sepultamento, começaram a utilizar as antigas catacumbas romanas para depositar os mortos, e realizar seus encontros religiosos. Com o aumento de adeptos, foi necessário construir mais e mais catacumbas, oportunizando o surgimento de associações funerárias, oportunidade que os cristãos encontraram para esconder a fraternidade evangélica, realizar seus cultos e, nas paredes, pintar os conteúdos ligados a temas cristãos. Os epitáfios e símbolos, escritos em grego e latim, confirmam o fato da comunidade cristã ser composta de diferentes nacionalidades.

O fato dos cristãos não aceitarem a divindade do César, era uma afronta ao Estado Romano. Muitos foram perseguidos e até mortos por este motivo. Mas as pinturas continuaram sendo produzidas. Algumas delas sobreviveram ao tempo e existem até hoje. Um exemplo, é a bela pintura dos "Três judeus", da Catacumba de Priscilla, em Roma. Nela é representada a história bíblica de Sadraque, Mesaque e Abdenego, três homens, que em respeito ao seu deus, não se prostaram ao imperador Nabucodonosor, e por este motivo foram

enviados à morte, em uma fornalha. Contudo, após orarem, Deus os salvou deste terrível destino, e os homens mostraram que seu deus era mais poderoso que qualquer imperador.

Após termos analisado o contexto de perseguições aos cristãos, é possível nos aproximarmos da mentalidade de quem pintou esta história. É provável, que os primeiros cristãos, ao ouvirem e verem a representação desta passagem bíblica, pudessem se enxergar nela, pois sofriam perseguições da mesma forma que os três judeus, e como eles, também poderiam ter esperanças que seu deus iria ajudá-los.

Imagem 2



As letras X e P grega, são as iniciais da palavra Xrhistus, tradução do hebraico.

Alfa e Ômega (a/w), a primeira e a última letra do alfabeto grego. Simbolizam que Deus é o começo e o final de tudo.

Círculo (referência ao círculo solar, associado a Jesus Cristo).

Crismão, símbolo do cristianismo, esculpido em lápide funerária de Portugal. Séc. VI. Mármore. Basílica Paleocristã Rossio do Carmo, Mértola. Fonte: Museu de Mértola. Disponível em www.museus.cm-mertola.pt/nucleos/igreja.html#. Acesso em 05/01/2012.

Imagem 4



Representação de passagem bíblica sobre os três judeus que foram lançados à fornalha. Século III. Pintura sobre reboco. Teto da Câmara do Velatio, Catacumba de Priscilla, Roma. Fonte: Lassus, 1974.

III. Arte Paleocristã: sincretismos entre a pintura cristã e pagã

Uma das mais antigas representações ligada ao cristianismo está na “Catacumba de Comodila”, em Roma, onde supostamente São Pedro estaria enterrado. Ali, “estão duas inscrições cristãs, datadas do fim do século II – adornadas com a representação de dois pães e dois peixes”.²⁰ Alusão à passagem bíblica da multiplicação. É possível perceber, que as primeiras imagens cristãs “são objetos de devoção, ou então histórias da Bíblia”, pois diferente dos “antigos que usavam a arte como propaganda”, os cristãos usaram-na como “veículos de doutrina”. Ou seja, a principal característica era o caráter didático das obras. Os temas preponderantes, antes da liberdade de

²⁰ Tradução livre: “Where there are two ancient Christian inscriptions dated, the end of II-nd century A.D. – adorned with the representation of two loaves and two fish” OLARU,, Iona-Olaru. *The Visual Language of Paleo-Christian painting – before “Paix de L’Englise”*. Speech and context. Balti: Universidade de Balti. 2010. Pág.7. Disponível em: http://www.usb.md/limbaj_context/volcop/3/articole%20in%20pdf/olaru.pdf. Acesso em 31/12/2011.

culto, estavam relacionados com a vida, com a salvação da alma e com a ressurreição. Era uma forma de mostrar os benefícios que a nova fé oferecia. Mas diferente do judaísmo, que não produzia imagens²¹, “o cristianismo surge num mundo clássico saturado de produções iconográficas”.²²

Imagem 5



O Bom Pastor. Século III. Pintura sobre reboco. Teto da Câmara do Velatio, Catacumba de Priscilla, Roma. Motivos simbólicos tradicionais da Igreja Cristã, se mesclam a elementos pagãos: o Bom Pastor, carregando sua ovelha e flauta de Pã em suas mãos. Fonte: Lassus, 1974.

²¹ Apesar da proibição de criar imagens, os judeus de algumas localidades, como em Dura-Europos na Síria, começaram a decorar suas sinagogas com cenas do Velho Testamento. A ausência momentânea da interdição judaica de uso de imagens está provavelmente ligada à tendência judaica de mudar de fé nacional em fé universal e pela atividade missionária entre não judeus. Os afrescos da Sinagoga de Dura-Europos foram pintados em dois períodos distintos. A pintura mais recente cobre em parte a anterior. A mais recente está ligada a representações cristãs, mas a pintura mais antiga apresenta imagens do Antigo Testamento como, por exemplo, “O sacrifício de Isaque”, esta é provavelmente a representação mais antiga de um tipo de iconografia judaica, pois conforme afirma Olaru (2010, pág.6) “o pintor evitou representar faces humanas. Abraão é mostrado de costas, Isaque é esboçado, dos céus vemos apenas a mão de Deus”. Ou seja, buscou-se não desobedecer ao segundo mandamento judaico-cristão.

²² ZAPATA, Manuel Torres. *Historia del Arte*. Hervaz: I.E.S Valle del Ambroz., 2006. Pág.3.

Neste sentido, muitas representações cristãs mantiveram características da arte pagã, reinterpretando-as e adquirindo novos significados. A pintura encontrada no teto da “Catacumba de São Pedro e Marcelino” em Roma, é um exemplo. Nela encontramos a figura do Bom Pastor e um grande círculo inscrito numa cruz. O círculo, que na antiguidade designava o sol, ou o Deus-sol (*Helius*), paulatinamente, foi ressignificado, como o símbolo básico da nova religião monoteísta e seu messias, representação que se perpetuaria na Arte Bizantina.

Imagem 6



O Bom Pastor no paraíso. Século IV. Pintura sobre reboco. Motivos simbólicos tradicionais da Igreja Cristã, se mesclam a elementos pagãos. Fonte: Lassus, 1974.

A partir do século III, a figura de Cristo torna-se barbada, fazendo referência a um professor, ou um equivalente dos filósofos gregos. Ele “está vestido com uma camisa branca, e a veste sobre ela também é branca. Usa sandálias, detém um pergaminho em sua mão esquerda, ao mesmo tempo, a mão direita está



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

erguida, assim como o antigo orador costumava segurar suas mãos(...).²³ Esta era uma forma de compreender, que a redenção poderia ser obtida através dos estudos. Cristo seria este professor, e através dele, chegariam a verdade “e a verdade vos libertará”.²⁴ A imagem do Messias se modifica novamente, após a oficialização da religião, pelo Estado Romano. Cristo, de agora em diante, será “o rei dos reis e senhor dos senhores”. Sua imagem será relacionada à hierarquia imperial e à grandiosidade de Zeus. A representação do Messias, em majestade e poder, se perpetuará até a Idade Média.

É importante compreender, que apesar dos artistas usarem aspectos pagãos (clássicos), eles “já não se contentam com a mera decoração”, não era mais interessante retratar a fidelidade anatômica dos corpos. As temáticas das pinturas agora seriam “mais espiritualizadas, mais afastadas da vida da terra”.²⁵

É por isto que a Arte Paleocristã se afasta dos padrões de estética clássicos, pois quer mais expressividade de emoções. O objetivo das pinturas, não era mais o de fixar um episódio num tempo específico, ou algum local real. Os detalhes eram retirados para deixar apenas o essencial, a fim de que o observador entenda as histórias e sua moral, como a dos três judeus, ou seja, ao remover qualquer excedente desnecessário, seria possível alcançar a máxima compreensão e espiritualização.

Conclusão

A Arte Paleocristã foi possível graças ao imaginário pagão, o que nos leva a pensar, que não existe uma iconografia cristã como tal. Dessa forma, uma possível conclusão é, que são as interpretações e discursividades construídas em torno dessas novas imagens, que sugerem a ideia de iconografia cristã. O contexto político favoreceu essa legitimação. Mas é imprescindível reconhecer

²³ Tradução livre: ”He is dressed in a white shirt and the garment over it is also white. He wears sandals, he holds the scroll of a book in the left hand, while the right is raised just like the Ancient orator used to hold his hand” . NISSEN (1975) *apud* OLARU, Iona-Olaru. *The Visual Language of Paleo-christian painting – before “Paix de L’Englise”* . Speech and context. Balti: Universidade de Balti. 2010, p. 3. Disponível em: http://www.usb.md/limbaj_context/volcop/3/articole%20in%20pdf/olaru.pdf. Acesso em 31/12/2011.

²⁴ *Livro de João*, capítulo 8, versículo 32. ALMEIDA, João Ferreira (trad). Bíblia Sagrada. São Paulo: Editora Viva, 1997.

²⁵ HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Pág. 130.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

a importância neste processo, das concepções idiossincráticas do artista, pois suas experiências e desejos vão se refletir na pintura, como se ele fosse “o guardião de uma cultura particular”. Ao pesquisar sobre as mudanças econômicas, sociais e filosóficas dos primeiros séculos do cristianismo, foi possível aprofundar o estudo sobre a Arte Paleocristã, e definir a concepção de mundo que se reflete nas obras. A pesquisa também mostra, como os elementos simbólicos e iconológicos constituem apenas uma interface de uma representação.

A articulação entre imagem e palavra, é apenas insinuada, para proporcionar um significado visual. Assim, a inserção da palavra, como forma de construção do sentido cristão iconográfico, é um dos aspectos que ainda deve ser pesquisado. Urge uma pesquisa que permita desvelar a forma semiótica em que opera a palavra na imagem.

Considera-se, ainda, que faz falta ampliar a pesquisa, tomando em conta outras culturas da época, exigindo uma perspectiva metodológica que abranja a complexidade de uma arte sincretista. Mas é preciso encontrar os elementos estéticos, pertencentes às culturas pagãs da época, sem o olhar essencialista da arte cristã.

Bibliografia

- ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CÁMARA, Jorge Juan Lozano. *Arte Paleocristiana y Bizantina*. Andalucía: Departamento De Historia, Geografía E Historia Del Arte, 2006.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2007.
- GONZALES, Helena Carvajal. *Epistolae Sancti Pauli*. Mss. 44 de la Biblioteca Histórica de la U.C.M.: Una aproximación iconográfica. DOCUMENTOS DE TRABAJO U.C.M. Madri: Biblioteca Histórica de Madrid, 2005
- HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JASON, H. W. *História geral da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LASSUS, Jean. *Enciclopédia das artes plásticas de todos os tempos*. Paris, Sorbonne, 1974.
- OLARU, Iona-Olaru. *The Visual Language of Paleo-christian painting - before "Paix de L'Englise"*. Speech and context. Balti: Universidade de Balti. 2010. http://www.usb.md/limbaj_context/volcop/3/articole%20in%20pdf/olaru.pdf.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org). *Mirabilia 17 (2013/2)*
Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade da mulher na Idade Média
Mulier aut Femina. Idealidad o realidad de la mujer en la Edad Media
Mulier aut Femina. Idealism or reality of women in the Middle Ages

Jul-Dez 2013/ISSN 1676-5818

- REAU, L. *Iconografía del arte cristiano. Iconografía de La Biblia. Nuevo Testamento*. Barcelona: Cultura artística, 1996.
- TREVISAN, Armindo. *Como apreciar a arte: do saber ao sabor: uma síntese possível*. Porto Alegre: UniProm, 1999.
- ZAPATA, Manuel Torres. *Historia del Arte*. Hervaz: I.E.S Valle del Ambroz. 2006.
- SPINELLI, Miguel. *Helenização e recriação de sentidos. A filosofia da época da expansão do cristianismo- séculos II, III, IV*. Porto Alegre: EDIPUC, 2000.